

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

011

O golpe do caixão vazio

Quando a mãe quase morreu, a filha deu-se conta de um golpe aparentemente perfeito: forjar o óbito e receber um seguro milionário

O crime

Vítimas:

cinco companhias de seguro

Época do crime: 1981

Cidade:

Porto Alegre

Condenados:

mãe, filha, marido da filha e um agente funerário

Motivação:

obter Cr\$ 5 milhões de seguro de vida por uma falsa morte

Ela simulou a morte da mãe em detalhes. Certidão de nascimento, atestado de óbito, caixão e sepultamento no Cemitério São Miguel e Almas, em Porto Alegre.

Chegou a receber parte dos Cr\$ 5 milhões das seguradoras (cerca de R\$ 390 mil, em valores atualizados).

Mas cometeu um erro ao barganhar Cr\$ 36 mil de uma funerária.



A mãe tinha problemas de saúde, o coração dava sinais de cansaço. Três anos antes ela quase havia falecido e é quando esta história começa.

A filha tinha providenciado vários seguros, e quando a mãe se recupera, ela, funcionária pública aposentada, busca uma forma de não perder o dinheiro aplicado.

Com o "plano perfeito" nas mãos, como confessaria à polícia, a filha obtém novas certidões de nascimento para a mãe e para ela, com a ajuda do marido. Não é difícil. Um falso testemunho consegue provar que a mãe nunca havia sido registrada. Reduzem a idade dela para 45 anos e, com isso, facilitam a contratação dos seguros: Cr\$ 5 milhões, em cinco seguradoras.



A filha sai em busca de um parceiro, e encontra o funcionário de uma funerária, seu afilhado de casamento. Ela precisa de alguém que compre um falso atestado de óbito e providencie o "enterro". O afilhado, no primeiro momento, não quer se envolver na história e indica um ex-colega, um agente funerário.

Ele providenciaria, sim, o que faltasse, mas era preciso muito dinheiro. Ela responde que isso não é problema, os seguros cobririam tudo, e os dois acertam os percentuais.

O agente funerário começa a agir no final de setembro de 1981.

No meio do caminho, ele decide levar ainda mais dinheiro. Para comprar o atestado médico, pede Cr\$ 200 mil, mas paga apenas Cr\$ 2,5 mil a um profissional ligado a funerárias. Para arranjar um corpo, outros Cr\$ 250 mil. O agente consulta o antigo parceiro, o afilhado da comparsa, e resolvem que não é preciso gastar tanto por tão pouco.

Às 9h de domingo, 23 de outubro, os dois se encarregam de colocar no jazigo nº 35.820 do Cemitério São Miguel e Almas o caixão vazio, de madeira pesada. O coveiro fica à distância, solitário e indiferente.



Não houve dificuldade, a partir daí, para a

filha receber de uma seguradora Cr\$ 654 mil que lhe cabiam com a eventual morte da mãe.

Ela desconhecia, no entanto, que um investigador do Clube dos Executivos, que assessorava 10 companhias de seguro, estava atento a tudo.

E os problemas começam quando ela considera elevada a conta da funerária. Alguém, a seu mando, provavelmente o marido, liga para conferir, e o proprietário atende.

Há estranheza, informações desencontradas, e a polícia é alertada. E o investigador complementa as informações para esclarecer o golpe quase consumado.

Assim, não há surpresa quando é aberto o jazigo do São Miguel e Almas. Policiais, jornalistas e curiosos já sabiam que o esquife estaria vazio.



Todos confessaram a participação no golpe, o inquérito policial foi concluído e encaminhado à Justiça.

Na 12ª Vara Criminal, o médico que assinou o óbito foi inocentado; o marido condenado a um ano de prisão e a filha, a mãe e o agente funerário receberam a pena de um ano e três meses de reclusão, por estelionato.

Há quem se pergunte se já não ocorreram, nestas terras, golpes semelhantes e sem falhas.



A fraude já estava praticamente esclarecida quando o caixão foi retirado do jazigo em frente a dezenas de pessoas, entre investigadores e jornalistas: não havia nada dentro



Reportagens da época mostram os desdobramentos do falso sepultamento em Porto Alegre

